

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

ANDREIA LUIZA DE ARAÚJO

**REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL, PSICOMOTRICIDADE E
AFETIVIDADE**

UBERLÂNDIA – MG

NOVEMBRO, 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

ANDREIA LUIZA DE ARAÚJO

**REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL, PSICOMOTRICIDADE E
AFETIVIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, modalidade a Distância da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência para aprovação em TCC II.

Orientadora: Profa. Dra. Iara M. Mora Longhini

UBERLÂNDIA – MG

NOVEMBRO, 2021

RESUMO

A educação representa tudo aquilo que pode ser feito para o desenvolvimento do ser humano, no sentido restrito, representa a instrução e desenvolvimento de competências e habilidades. Durante muito tempo, a educação foi privilégio de poucos que possuíam condições, dinheiro e tempo para investir; para os demais, educação significava aprender com pais, família ou pessoas próximas, através de imitação, sendo como uma vivência transmitida de geração em geração. Neste sentido, o objetivo geral deste trabalho é o de fazer um levantamento bibliográfico sobre o papel do docente nas dificuldades de aprendizagem, com foco na atuação do professor neste processo. Para isso, os objetivos específicos se fundamentam em: analisar o papel do educador moderno com relação à educação infantil; compreender a função da psicomotricidade aliada à educação infantil; e compreender como a afetividade faz a diferença na educação infantil. A justificativa se baseia na importância do mesmo para a comunidade acadêmica no quesito do conhecimento sobre o foco do professor quando este se dispuser a conhecer e trabalhar com discentes que tenham dificuldades de aprendizagem, podendo assim, entender quais caminhos levam o professor ao melhor entendimento sobre o assunto. A metodologia utilizada neste estudo será pelo método qualitativo, sendo ainda utilizada a técnica de pesquisa bibliográfica. É importante destacar o papel imprescindível da família na educação das crianças, ela é a primeira fonte de ensinamento e, na maioria das vezes, elas agem pelo reflexo de seus pais. É no seio da família que se inicia a construção do indivíduo, e ela é também o apoio à percepção das possíveis dificuldades de aprendizagem.

Palavras-chave: Educação. Psicomotricidade. Afetividade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	04
2 MEMORIAL.....	06
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
3.1 Processo da educação.....	12
3.2 O jogo lúdico e seu contexto histórico.....	13
3.3 O afeto mediante o ensino.....	15
3.4 Afetividade na perspectiva de Jean Piaget.....	16
3.5 Afetividade na perspectiva de Henri Wallon.....	18
3.6 Afetividade na perspectiva de Vygotsky.....	19
3.7 Educação Infantil.....	20
3.8 Processo de aprendizagem.....	21
3.9 Relação afetiva e aprendizagem na educação infantil.....	22
3.10 A importância do afeto no desenvolvimento com crianças de 4 a 6 anos.....	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

O processo educacional é algo fundamental para o desenvolvimento do ser humano, além disso, a educação traz ao homem grandes avanços, no sentido de garantir um futuro melhor para todos. Nesse sentido, a educação representa tudo aquilo que pode ser feito para o desenvolvimento do ser humano, no sentido restrito, representa a instrução e desenvolvimento de competências e habilidades.

Durante muito tempo, a educação foi privilégio de poucos que possuíam condições, dinheiro e tempo para investir; para os demais, educação significava aprender com pais, família ou pessoas próximas, através de imitação, sendo como uma vivência transmitida de geração em geração. Nos últimos tempos, a educação formal não é apenas comum, como se tornou um direito universal para todos, mediante também às dificuldades de aprendizagem.

A aprendizagem possui uma grande importância na vida do indivíduo, pois é a capacidade do mesmo de fazer uso da leitura e escrita para resolução das questões do dia a dia. A escola deve ensinar aos estudantes a leitura e a escrita, como também auxiliá-los a entender a utilidade e a importância dos textos que são abordados em sua vida para que compreendam ainda, a questão da leitura de mundo. Sendo assim, o problema de pesquisa apresentado neste trabalho se refere às reflexões sobre o papel da educação infantil com relação à psicomotricidade e afetividade.

Nesse sentido, tanto a escola quanto os métodos de ensino tradicionais vêm sendo questionados pelo papel que deveriam exercer perante as dificuldades de aprendizagem, que a cada dia exigem um modelo de ensino diferente e mais abrangente, com pessoas mais flexíveis, mais ágeis, que sejam capazes de aprender continuamente. Nesse contexto, a educação necessita estar sempre trabalhando para o desenvolvimento de conhecimentos que sejam adequados ao momento presente e que atendam às exigências necessárias, promovendo o saber.

O objetivo geral deste trabalho foi o de fazer um levantamento bibliográfico sobre o papel do docente nas dificuldades de aprendizagem, com foco na atuação do professor neste processo. Para isso, os objetivos específicos se fundamentam em: analisar o papel do educador moderno com relação à educação infantil; compreender

Referencial teórico construído juntamente com Francielle Christine Caetano Alves.

a função da psicomotricidade aliada à educação infantil; e compreender como a afetividade faz a diferença na educação infantil.

A justificativa deste trabalho se baseia na importância do mesmo para a comunidade acadêmica no quesito do conhecimento sobre o foco do professor quando este se dispuser a conhecer e trabalhar com discentes que tenham dificuldades de aprendizagem, podendo assim, entender quais caminhos levam o professor ao melhor entendimento sobre o assunto.

A metodologia utilizada neste estudo foi pelo método qualitativo que, segundo consta em Campos (2015), se preocupa com o universo de significados, crenças, valores, e atitudes, correspondendo ao universo mais profundo das relações. Foi utilizada também a técnica de pesquisa bibliográfica que, de acordo com Lopes (2006) é realizada a partir de fontes confiáveis como livros, artigos, periódicos, entre outros; visando a busca de respostas para questões e utilizando-se de métodos científicos, a fim de que o pesquisador se aprofunde em um determinado assunto.

Desta forma, o presente trabalho se encontra organizado, além dessa introdução, em um memorial reflexivo da autora, abordagem do referencial teórico, bem como as considerações finais e referências.

2 MEMORIAL

Meu nome é Andreia Luiza de Araújo, tenho 45 anos e vou contar um pouco sobre a minha trajetória escolar e profissional em relação a educação, a primeira lembrança que vem à memória é a do jardim de infância. Morava com minha mãe e minha irmã mais velha Daniela, e posso dizer que se iniciou com minha mãe chegando em casa com um uniforme escolar, uma bermuda verde e uma blusa branca com um arco íris estampado com o nome da escola por cima; ainda na estampa havia lápis, borboletas, flores, tudo isso muito colorido. Além do uniforme, também comprou para mim um tênis preto e meias brancas, não consigo nem descrever o quanto estava feliz com aquele presente. Todos os dias perguntava para a minha mãe se já era amanhã que começaria a aula e ela com um sorriso no rosto me dizia: “ainda faltam uns dias”. Meu coração se alegrava cada dia mais e ficava bastante ansiosa para o dia especial, eu queria usar o uniforme em casa, mas todas as minhas tentativas minha mãe negava, alegando que eu iria sujar.

O dia em que estreei o meu lindo e colorido uniforme foi um dia atípico, levantamos bem cedo pois tínhamos que ir a pé, uma vez que minha mãe não tinha carro e, para acrescentar minha alegria, para chegar até a escola andávamos uns 3 quilômetros e cortávamos caminho por um local que tinha um córrego de água cristalina e vários coqueiros. Quase todos os dias conseguia um coquinho caído ao chão, passava por ali alegre em meio a várias mulheres lavando roupas naquele local, aquele dia ficou marcado em minha mente.

Quando entrei na escola pela primeira vez vi várias crianças com um uniforme igual ao meu, muitas conversas entre os pais e algumas crianças chorando, outras correndo e outras, como eu, só observando. Fiquei maravilhada com a escola, para mim era o lugar mais bonito que já estive. O portão já dava direto em uma quadra com marcações no chão e rodeados por muros bem coloridos e, logo a seguir, grandes degraus que davam acesso às salas que ficavam logo abaixo. Assim que fomos para a sala notei que nas paredes haviam figuras, números e letras coloridas; tudo aquilo era o máximo. Todos os dias a professora entregava folhas para colorir, eu gostava muito dessa tarefa, usava todos os lápis que tinha na caixa e, ao entregar, ficava ansiosa esperando um elogio que sempre vinha, eu me sentia bem nos dois ambientes: tanto dentro da sala quanto no pátio onde acontecia o recreio e não Referencial teórico construído juntamente com Francielle Christine Caetano Alves.

gostava quando tocava a sirene indicando que era hora de ir embora, mas era só ver a minha mãe que a contrariedade passava.

Essa rotina permaneceu por uns dois anos e as duas situações que eu mais gostava era do dever de casa, o meu era um dos mais caprichados, e a outra era os eventos e comemorações durante o ano: a festa junina e o dia do índio eram de longe meus preferidos. Vestir aqueles vestidos coloridos e aquele chapéu com tranças ou as penas nos cabelos e a pintura no rosto, é uma pena naquela época não tínhamos acesso a máquinas fotográficas e celulares como existe hoje, tudo ficou gravado apenas na minha mente e, com certeza, muitos momentos que não me lembro seriam trazidos à tona hoje pelas fotos.

De repente uma nova ansiedade, chegou a época da formatura e eu iria para o grupo, para o primeiro ano, era muita emoção. O que marcou essa mudança foi o uso da mochila que até então era somente uma pasta com folhas e fichas variadas; na época desejávamos o uso da mochila com cadernos. Conheci o grupo que eu iria frequentar uns dias antes do início letivo quando minha mãe foi buscar a lista de materiais, eu fiquei perplexa ao entrar no portão que era de grade como letras grandes e douradas em cima e com o nome “Escola Municipal Luigi Toniolo”. Assim que passei o portão, à minha esquerda tinha um parque com gangorras e escorregadores, carrossel, balanços e vários tamanhos de barras fixas e já fui direto para lá. Brinquei rapidinho e fui para dentro da escola com a minha mãe, ela era muito grande comparada ao jardim que eu estudava, à direita tinha um pátio com cantina e várias salas à frente e atrás dessas salas tinham duas quadras: uma coberta e a outra não; um pouco à frente, depois das escadas tinha mais um pátio, uma área verde bem arborizada e dos dois lados várias salas onde ficava uma enorme biblioteca e ainda tinha sala de dentista e enfermaria, essa visita aumentou ainda mais a vontade de frequentar as aulas naquela escola .

No primeiro dia de aula fomos orientados a fazer a fila no pátio. Tinha umas marcações no chão e uma placa à frente indicando a sala e a série onde deveríamos fazer a fila, logo em seguida nos ensinaram a ficar em formação; a gente colocava o braço direito estendido até o colega da frente, essa era a distância que deveríamos ficar e com o corpo ereto e braços colados ao quadril escutávamos e cantávamos o hino nacional brasileiro e, logo em seguida, seguíamos para a sala em fila e em Referencial teórico construído juntamente com Francielle Christine Caetano Alves.

silêncio o que era quase impossível. Foi uma época de muitas mudanças comparada ao jardim de infância. Uma delas era o horário dividido entre professores, cada um era responsável por uma matéria e sempre no meio da aula tinha o recreio que reunia toda a escola, nesse momento a comida era servida na cantina, sempre tinha uma comida ou um lanche gostoso. Na época era comum a escola pedir para os pais contribuir com alguma coisa para a refeição do dia, me lembro de levar certa vez uma lata de ervilha da marca jurema o que me resultou no apelido de jurema por um tempo. Como achava bastante graça do apelido, logo esqueceram. O primeiro e segundo ano se passaram normalmente sem grandes acontecimentos, não me lembro das minhas professoras e gostava muito da aula de educação física que era um professor muito animado que ensinava a jogar basquete, vôlei peteca e ainda tinha o dia da ginástica e, nesse dia, tínhamos que ir com um uniforme diferente, muitas amizades e muitos aprendizados. E eu já não gostava tanto assim dos deveres de casa como gostava na infância.

A lembrança mais forte me veio de quando estava na terceira série. Como disse no início, minha mãe sempre trabalhou fora e nessa série as coisas começaram a ficar um pouco complicadas para mim. Foi quando a minha professora que se chamava Vera Lucia percebeu minha dificuldade, ela era linda: olhos azuis, alta e clara, um cabelo grande que ora estava no rabo de cavalo, ora estava solto, ela tinha um problema na perna que a fazia mancar muito, mas isso não tirava todo o seu charme. Era nítido um carinho especial por mim, não sabia na verdade ao certo se era porquê sabia que ficávamos sozinhas eu e minha irmã enquanto minha mãe trabalhava ou se ela percebia a minha admiração por ela, enfim quando percebeu minha dificuldade, pediu para que eu ficasse após a aula e depois de uma conversa sobre minha vida particular, tirou todas as minhas dúvidas e me ensinou passo a passo as dificuldades que eu estava tendo e eu entendi tudo com muita facilidade com o jeito que ela me ensinou. Assim que terminou me deu um beijo muito carinhoso e fui embora, ela também tinha um perfume muito bom, o perfume era algo de mãe.

A partir daquele dia meu comportamento como aluna mudou, passei a me dedicar mais aos estudos, na época a escola tirava foto dos melhores alunos do ano de cada sala e essa foto ia para a parede da biblioteca durante todo o ano seguinte e eu queria ir para esse mural, para homenagear essa professora que me fazia sentir a pessoa mais importante da sala. Lembro que minha mãe e meus colegas fizeram Referencial teórico construído juntamente com Francielle Christine Caetano Alves.

comentários sobre a minha dedicação aos estudos, então comecei a tirar as melhores notas da minha vida e a minha alegria foi enorme quando consegui a minha foto na parede da biblioteca que foi para a minha mãe e, principalmente, para a minha professora. Aquela conquista queria retribuir cada beijo na entrada da sala de aula, cada atenção e carinho que ela dedicava a mim. Como é bom a gente planejar algo, se dedicar a algo e alcançar.

No ano seguinte já foi outra professora e a minha vida escolar seguiu normalmente e nesse ano não consegui manter minha foto na parede da biblioteca, mas também não fui mal e ao final da quarta série, já nos preparávamos para outra formatura que era para o colégio. Quinta série, isso gerava muita expectativa, era o auge da adolescência, um sonho. Esse colégio eu já conhecia porque minha irmã mais velha já frequentava.

O início no colégio foi maravilhoso me sentia muito importante de ter conseguido chegar naquele colégio, naquela etapa, na escola, aconteciam as olimpíadas e logo me inscrevi em todos os que eu podia, o time recebia treinamento especial. Primeiro a disputa era entre as turmas do próprio colégio e quase no final do ano acontecia o campeonato regional que disputávamos com outras escolas, mas para permanecer no time não podíamos ter nenhuma nota vermelha no boletim, isso era um grande incentivo para estudar. As olimpíadas eram muito boas, tinham até abertura e encerramento oficial do evento com entregas de certificados e medalhas, sai de lá com algumas derrotas, alguns certificados e também algumas medalhas. Tínhamos também aulas de PA que eram práticas agrícolas, a escola tinha um grande canteiro de hortas e a gente plantava, fazia experimentos e colhíamos, era muito bom, e tinha também a aula de PC: práticas culinárias onde se ensinava culinária básica, como também pesos e medidas e alguns truques culinários, aulas bem interessantes.

A escola mantinha algumas regras básicas como o uniforme, não podíamos entrar em quaisquer estabelecimentos que vendesse bebidas alcoólicas ou cigarros enquanto uniformizados e nem ficar passeando por ali. Nessa época, era famosa aquela frase de algum colega em atrito “vou te pegar na saída” essa notícia se espalhava na escola e na saída acontecia uma aglomeração que começava com discussões e logo era dissipada pelo diretor da escola ou outra autoridade.

Referencial teórico construído juntamente com Francielle Christine Caetano Alves.

Quando estava na sexta série todo o meu contexto foi alterado, minha mãe engravidou dos meus irmãos mais novos e como não tínhamos condições de pagar alguém para cuidar e ela precisava continuar trabalhando não teve outro jeito, fui obrigada a abandonar os estudos para ajudar a minha mãe, cuidei dos meus irmãos por quase um ano até conseguirmos colocá-los em uma creche. Nesse tempo comecei a trabalhar, na época, com quatorze anos para ajudar nas despesas de casa, minha irmã mais velha se casou e fomos batalhando eu e minha mãe, me lembro de uma tia e prima se revezarem na minha casa para ajudar, fiquei chateada por largar a escola e meus amigos, mas amava meus irmãos, foi difícil mas valeu a pena.

Quando estava com meus dezenove anos, um amigo me falou do supletivo, onde poderia recuperar dois anos em apenas seis meses, mas deveria fazer uma prova, na época procurei uma escola e fiz a inscrição para a prova no próximo semestre e, assim aconteceu. Passei na prova e comecei a fazer o supletivo; tinha aula todos os dias à noite. Então, saía do meu trabalho que era no centro, de lá ia a pé, para economizar na passagem de ônibus. As aulas terminavam todos os dias as 22h:30, não era fácil! Muito conteúdo e provas a cada dois meses, a maioria da turma era mais velha do que eu e a turma se ajudava muito. Na época eu nem tinha celular, a gente conversava por telefone e chegamos a nos encontrar alguns dias antes das provas para estudar, em um ano consegui terminar a oitava série do primeiro grau, pronto agora era a hora de fazer o segundo grau.

Foi a época em que conheci meu ex marido e logo nos casamos e logo tive que parar de estudar porque ele não aceitava que eu frequentasse as aulas à noite, novamente interrompi meus estudos. Somente depois de 6 anos retomei meus estudos, após a separação. Na época, com uma filha de três anos, o que dificultou mais ainda, mas contei com minha mãe e minha irmã para ajudar, pois novamente comecei o supletivo que também era de seis meses. Apesar de todas as dificuldades, os professores ajudaram muito, às vezes me davam trabalhos para compensar os dias em que não pude frequentar as aulas, me lembro que tinha que recorrer à biblioteca e estudar muito. Não tinha o acesso à internet que hoje facilita tanto, mas com a graça de Deus e a ajuda da família consegui o tão sonhado diploma do segundo grau.

Nessa época faculdade era um sonho muito distante para mim, chequei a fazer um vestibular para direito que era o meu sonho aos vinte sete anos. Nessa época, Referencial teórico construído juntamente com Francielle Christine Caetano Alves.

trabalhava administrativamente na Polícia Militar e essa área da segurança e direito me fascinava. No administrativo, como auxiliar administrativo, depois de uma prova seletiva e com a expectativa de conseguir uma bolsa de estudo, porém só consegui dez por cento de desconto, o que comprometia quase todo o meu salário e, na época, morava de aluguel com a minha filha, por esse motivo não me arrisquei e me arrependi futuramente.

Depois de alguns anos me casei novamente e me mudei para cidade de Patos de Minas onde fiz uma prova para concorrer ao cargo de conselheira tutelar e deu certo, fiquei no cargo por 3 anos. Nesse período tentei novamente o vestibular para Direito, mas não consegui ficar dentro das vagas, então concorri novamente à vaga de conselheira na próxima eleição e consegui com êxito. Nesse período fiz o concurso para policial penal, o antigo agente penitenciário e com um ano e meio no cargo de conselheira consegui passar em todas as etapas e tomei posse em uma cidade a cinquenta quilômetros da cidade onde moro, que é a cidade do Carmo do Paranaíba. Agora no meu trabalho, para poder almejar cargos melhores na minha unidade veio a necessidade de um curso superior e os cursos exigidos são psicologia, assistente social de direito, pedagogia e ciências sociais, foi quando apareceu a oportunidade de fazer o vestibular da UFU a distância, inscrevi-me para pedagogia e iniciei o curso há alguns anos atrás e agora com a proposta da monografia escolhi falar sobre o relacionamento professor e aluno na parte da afetividade que foi um grande marco em minha trajetória escolar .

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Processo da educação

A reflexão sobre a atual educação no país se torna necessária, isso porque ainda existe um grande desafio a ser vencido, que é o de melhorar a qualidade desta. Há muitas questões que envolvem a educação e muitas delas não estão ao alcance dos docentes; entretanto, o educador tem imenso poder dentro da sala de aula, tendo, nesse espaço, a possibilidade de formar cidadãos com ideais, sonhos e criticidade.

O ambiente educativo refere-se ao respeito, alegria, amizade e solidariedade, disciplina, combate à discriminação e ao exercício dos direitos e deveres, os quais são práticas que visam a garantia da boa convivência e desenvolvimento da noção de cidadania e igualdade entre todos. Pela visão de Ferreira (2018), o ambiente escolar vai muito além do que um lugar de ensino e aprendizagem, é um lugar de se viver os valores da vida.

Nessa ótica, é necessário um reconhecimento mais abrangente das práticas pedagógicas do docente, incentivar que o mesmo leve novidades para a sala de aula, no qual o aluno possa se ambientar fora da escola a respeito do que aprendeu dentro da mesma. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em Pacievitch (2018) encontramos que, o objeto de ensino é o conhecimento linguístico e discursivo em que o indivíduo exerce ao participar das práticas sociais intermediadas pela linguagem. A organização de situações de aprendizado, nessa ótica, propõe o planejamento de situações de interação nas quais esses conhecimentos sejam construídos, buscar atividades que recriem na sala de aula, situações fora do ambiente escolar, entender que a escola é um espaço de interação social, no qual as práticas sociais de linguagem acontecem e se circunstanciam, com características específicas em função do ensino.

Segundo Freire (1996), os alunos ao repensarem o ambiente da escola e as mudanças que podem ocorrer, também estarão repensando o meio em que vivem, passarão a valorizar o que vivem, pois se sentirão como pessoas capazes de mudar algo. O autor ainda afirma que é preciso que se constate a realidade para sermos capazes de mudá-la. Para que identifiquemos intervenções que possibilitem a melhoria da escola, é preciso que se caracterizem os hábitos, atitudes e comportamentos dos alunos para transformá-los em adultos conscientes.

Referencial teórico construído juntamente com Francielle Christine Caetano Alves.

A palavra educar para a maioria das pessoas ainda é de difícil entendimento, sendo que muitos a descrevem como sendo um dever da escola, e outras ainda dizem que é dever somente dos pais. Na verdade, educar é dever inicial dos pais que ensinam e educam a criança para a vida e depois a escola ensina os preceitos básicos necessários à sobrevivência deste no mundo; resumidamente, uma família ensina a convivência na sociedade para a criança, depois envia à escola para ensinar a ler, escrever e ter conhecimentos.

Como apontam Venâncio e Freire (2005), a educação ensina a viver, é um preparo para a vida fora dos muros da escola, significa mais que transmitir conhecimentos, mais que determinar comportamentos restritos. Já de acordo com Prestes (1996), na educação deve estar presente uma razão: uma que não submete os afetos, sentimentos, diferenças; mas que tenha união dentro de uma possibilidade capaz de ser moral. Com isso se torna possível a formação de pessoas com consciência moral, e sem que haja comprometimento da autonomia dos pontos de vista existentes.

Para que haja um melhor aprendizado nas escolas é necessária não só a participação dos professores, mas também dos alunos; incentivos devem ser realizados com as crianças, levando-as ao pensamento crítico, raciocínio lógico, confecção de atividades que fogem do padrão curricular como forma de diminuir a tensão que a escola tem levado à vida dessas crianças.

3.2 O jogo lúdico e seu contexto histórico

Os jogos cooperativos surgiram há muitos anos atrás através de alguns povos que utilizavam a cooperatividade em seus grupos, como nas danças, nos jogos e alguns rituais e na comercialização de mercadorias. Esses povos faziam isso involuntariamente, pois eles visavam o seu bem-estar e o da sua comunidade. Muitas mudanças vêm ocorrendo no ensino dos tempos modernos, e uma delas é a inserção dos jogos lúdicos na educação, em específico, os cooperativos, cujas condutas vislumbram o desenvolvimento global do ser humano.

Diante das transformações que marcaram essa nomenclatura, faz-se necessário ter uma visão ampliada sobre os jogos lúdicos, bem como, perceber a que tipo de pessoas e objetivos ele irá favorecer e contemplar, isto é, será um aliado na educação ou vice-versa. O jogo surgiu da necessidade de afirmação da espécie

humana e animal como busca de autoconhecimento, informação, cultura e prazer. Nesse sentido, segundo Ferreira (2001), o jogo se relaciona com a “atividade física ou mental fundada em sistema de regras que definem a perda ou o ganho”, isto é, quando o indivíduo participa de um jogo ele terá o comportamento organizado, tendo como objetivo sempre a vitória, o empate ou a derrota, bem como, o jogo mostra-se como um grande formador de valores por gerar sentimentos alheios à nossa vontade quando perdemos e de euforia quando ganhamos.

Todavia, o jogo desperta e estimula a criança ordenando seu espaço e seus movimentos, atribuindo limites através das regras, trabalhando a personalidade das mesmas, entrando no seu mundo afetivo, motor e cognitivo. Neste sentido, Martinez (2003), afirma que, “dominar as regras significa dominar seu próprio comportamento, aprendendo a controlá-lo, aprendendo a subordiná-lo a um propósito definido”, ou seja, aprender a dominar os seus instintos e medos para que sejam alcançados os ideais do coletivo, que a essa altura já foi bem delimitada pelas regras do jogo.

Uma das características essenciais dos jogos lúdicos é despertar nas pessoas o real fundamento dessa esfera, conscientizando a sociedade para que se perceba que a competição não é o único caminho que se chega à vitória, mas que, também, através da cooperação, os resultados podem ser alcançados com mais facilidade e promovendo a união e a confiança nos outros e em si mesmo.

Os jogos cooperativos são destinados a crianças, jovens e adultos, propiciando a criação de teias de relações, cujo objetivo primordial seja alicerçado no desenvolvimento das capacidades tanto intelectuais quanto motoras, fazendo emergir oportunidades para um aprendizado cooperativo, integral e prazeroso, mas que também atenda às ações educativas e que formem pessoas completas, fortes, decididas e que, acima de tudo, saibam se impor na sociedade a qual estejam inseridas.

Jogando, a criança aplica suas vivências transformando o real de acordo com seus desejos e interesses, resolvendo situações do seu cotidiano, pois é no ato de brincar que a criança irá desencadear seus sentimentos de maneira a vivenciá-la, ou seja, ela irá criar as suas representações daquilo que tem significado, sendo de acordo com a sua realidade e com as regras, as quais são aceitas a partir dos doze anos de idade.

Todavia, quando se fala de cultura, Cavallari (2006) define que, “jogo e brincadeira em outras línguas têm o mesmo sentido, daí a confusão que brincadeira Referencial teórico construído juntamente com Francielle Christine Caetano Alves.

é livre e jogo tem regras fixas”, em outras palavras, falta um pouco de conhecimento e discernimento das pessoas para que sejam esclarecidas essas divergências entre uma modalidade e outra que contribuem para o desenvolvimento integral dos educandos.

Em contrapartida, o jogo quase sempre é visto como um procedimento com regras, sendo definido por Piaget (1973) como sendo o que classifica o jogo infantil em quatro categorias: exercício, simbólico, regras e de construção, onde o jogo de exercício é a repetição com objetivo de prazer e esta é uma das primeiras atividades lúdicas da criança; o jogo simbólico caracteriza-se a partir de um objeto que é utilizado pela criança de acordo com a sua imaginação. Já, no jogo de regras, exige-se que o participante cumpra todas as normas, levando em consideração fatores determinantes para se desenvolver o controle do raciocínio e atenção e, finalmente, no jogo de construção, os brinquedos são construídos a partir de objetos na criação de um novo.

Corroborando, a criança joga, aprende e ensina com base nas brincadeiras de uma forma que identifica valores, o respeito ao mundo e ao outro, onde o contexto sócio - cultural - histórico em que ela está inserida exige o respeito às regras, a noção de certo e errado. Desta forma, jogos e brincadeiras favorecem a formação da identidade do indivíduo e do grupo, os quais consolidam o indivíduo que queremos formar.

3.3 O afeto mediante o ensino

A afetividade faz parte de todo ser humano, desempenhando um papel de grande importância na vida psíquica, além disso, é a mais perceptível manifestação de intimidade demonstrada nos nossos sentimentos como tristeza, felicidade, emoção, paixão. Diante disso, Barreto (1998, p. 71) conceitua a afetividade como:

[...] conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob as formas de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou de prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza.

Pode-se considerar a afetividade como o estímulo que impulsiona a vida, tendo em vista o fato de que ela interfere decisivamente no pensamento, na percepção, memória, ações e vontade, além de ser um componente essencial para a formação e o equilíbrio da personalidade.

Referencial teórico construído juntamente com Francielle Christine Caetano Alves.

A afetividade acompanha o ser humano desde o nascimento até a morte. Ela “está” em nós como uma fonte geradora de potência, de energia. Dizemos que, até os 12 anos, a vida do ser humano é extremamente afetiva e, a partir daí o futuro adulto já tem estabelecidas suas formas de afetividade. A afetividade domina o pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na sensibilidade corporal é componente do equilíbrio e da harmonia da personalidade (ROSSINI, 2001, p. 09)

No que se refere ao ensino, a afetividade é considerada como componente que conduz os comportamentos, estimula e energiza a aprendizagem. La Taille (1992) ressalta que a afetividade está inteiramente vinculada ao cognitivo, atuando como um despertador para as motivações e as ações, posto que, na maior parte, temos mais disposição pelo que prezamos.

A afetividade é o que transporta a nossa vida — a alegria, a felicidade, a esperança, o entusiasmo, a motivação, o prazer e o principal de todos: o amor, que é o prolongamento do domínio, que é o coração. É inconcebível uma educação em que não exista a afetividade em sua composição, pois “[...] sem afeto não há educação” (CHALITA, 2004, p. 149).

Sendo assim, afetividade é a ação mais complexa que o ser humano é capaz de lidar, e ocorre a partir do momento em que o sujeito se junta ao outro pelo amor, produzindo assim um amplo aspecto de sentimentos relacionados à história das relações sociais, onde a criação dos vínculos afetivos deve ser compartilhada para que os laços afetivos se concretizem.

3.4 Afetividade na perspectiva de Jean Piaget

Na teoria Piagetiana, o afeto assume um papel de grande importância quando associado à inteligência. A conformidade existente entre o desenvolvimento da afetividade, das funções motoras e cognitivas seguirá no percurso de todo o desenvolvimento do ser humano, desde a infância até a adolescência.

[...] vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um

mínimo de compreensão (PIAGET, 1973, p. 16)

A afetividade está totalmente ligada à proposta de formação do cidadão dentro da instituição escolar, pois é esta interação com os ambientes físicos e sociais que permitem a formação das estruturas mentais e a aquisição de meios que as façam funcionar.

Neste sentido, Piaget (1973, p.271) afirma que a vida afetiva, como a vida intelectual, é uma adaptação contínua e as suas adaptações são, não somente conjuntas, mas interdependentes, pois os sentimentos manifestam os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura.

Em seus estudos, Piaget descreve sobre a importância da inserção da família no processo de aprendizagem, sendo tarefa do educador conhecer o processo de educação dos pais como ponto de partida para a interação família e escola e, nesta perspectiva, promover uma maior participação dos responsáveis na vida escolar do filho. Desta forma, o desenvolvimento do aluno acontecerá com o auxílio das duas vertentes que possuem maior influência neste processo: escola e família.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 2007, p.50)

Atráves de suas pesquisas, Piaget (1973) também observou que crianças vivenciavam experiências e cometiam os mesmos tipos de erros de lógica em processos semelhantes, foi percebido que em sala de aula, alguns alunos têm mais dificuldades que outros, porém os erros eram geralmente os mesmos. Neste momento, desenvolveu então uma teoria do desenvolvimento cognitivo. Demonstrando a importância do professor da Educação Infantil, realizar mediações de forma afetiva perante os erros de seus alunos, gerando reforço positivo no decorrer dos processos de aprendizagem.

De acordo com Piaget, a afetividade é fundamental para a formação da inteligência e para o progresso do aluno em sua plenitude. Para ele, a educação deve possibilitar à criança uma formação ampla e ao mesmo tempo dinâmica e para isso, a instituição escolar precisa dedicar-se na formação do conhecimento cognitivo e Referencial teórico construído juntamente com Francielle Christine Caetano Alves.

afetivo, buscando a integração entre escola/professor e o meio social do aluno.

3.5 Afetividade na perspectiva de Henri Wallon

Henri Wallon (1995) enfatiza em seus estudos que a afetividade é a capacidade do indivíduo de se expressar e conduzir sua vida de forma positiva ou negativa. Além disso, ele salienta que o afeto constitui papel essencial na formação da inteligência, na aquisição do conhecimento, e no desenvolvimento das aprendizagens, determinando os interesses e as necessidades individuais das pessoas.

Em relação à socialização da criança, a teoria de Wallon vem ganhando uma grande relevância pelo fato desse autor observar o desenvolvimento social e afetivo na infância. Wallon demonstra atenção e preocupação relacionadas à infância, e seus estudos têm reflexo direto nas intervenções em sala de aula, pois para ele:

A afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento é dependente da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência onde a escolha individual não está ausente (WALLON, 1995, p. 288)

A experiência do educador no trabalho com a abordagem Walloniana e, a sua convicção de que a tarefa educativa implica na compreensão do humano como pessoa completa, possibilita reconhecer como a presença dos afetos interfere na aprendizagem do aluno. Para ele, a formação da pessoa como um ser íntegro não ocorre de forma linear e contínua, mas apresenta movimentos que envolvem integração, conflitos e alternâncias nos conjuntos funcionais.

Na visão de Wallon (1995), as influências afetivas exercem ação determinante na evolução mental da criança. Essa concepção indica-nos, portanto, a necessidade da realização de estudos sistematizados sobre o desenvolvimento da afetividade e de suas manifestações, a fim de pensarmos estratégias para lidar com elas e unir a prática educativa dos professores da Educação Infantil. Desde o berço não se aprende a sentir, mas, o que garante um desenvolvimento mental é a própria capacidade de conhecer a partir do sentir. Sendo assim, de acordo com que o tempo passa, pode-se

perceber que o conhecimento e o sentimento são parte de uma mesma via.

Face ao exposto, nota-se que a afetividade para Henri Wallon é um sentimento no qual se manifesta do orgânico e conquista um status social através da relação com o outro e que, além disso, trata-se de uma dimensão geradora na formação da pessoa completa.

3.6 Afetividade na perspectiva de Vygotsky

Na perspectiva Vygotskyana, os fatores ambientais são essenciais e influenciam fortemente no desenvolvimento do indivíduo em suas relações com o meio social, pelo fato que ele é formado de aspectos biológicos e ambientais. Sendo vista, então, como uma teoria sócio-histórico-cultural do desenvolvimento das funções mentais.

A afetividade é um elemento cultural que faz com que tenha peculiaridades de acordo com cada cultura. Elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância fundamental no processo ensino aprendizagem no que diz respeito à motivação, avaliação e relação-professor e aluno (VYGOTSKY, 1998, p. 42)

Para que o aluno manifeste seu pensamento e recorde melhor as inúmeras situações, algumas atividades devem ser emocionalmente instigadas, considerando que os comportamentos emocionais desempenham uma influência essencial em todas as ações do processo educativo. Portanto, o processo de ensino-aprendizagem, leva em conta também a parte da afetividade e sua expressão dentro de sala de aula.

Segundo Vygotsky (1998), a relação entre professor/aluno não deve ser de imposição, mas de empatia e respeito, pois assim será provocado um maior incentivo ao crescimento, pelo apreço ao aluno como um ser ativo e participativo no seu processo de aprendizagem. Os professores devem estruturar todas essas ações e todo o complexo processo através de seus momentos críticos, assegurando aos alunos a forma como vão receber e adquirir o conhecimento proporcionado (VYGOTSKY, 1998, p. 157).

Entende-se na teoria de Vygotsky que, para se entender o ser humano é preciso compreender a sua base afetivo-volitiva, de acordo com que a criança se desenvolve ela passa a ter uma capacidade emocional mais aprimorada, aprendendo a ser afetiva desde o nascimento até o fim de sua vida, estando associada a sua Referencial teórico construído juntamente com Francielle Christine Caetano Alves.

vivência, cultura e ensinamento.

3.7 Educação Infantil

No final da década de 1920 e no início de 1930, as mulheres que trabalhavam fora do ambiente familiar deram início a uma luta para conquistar um local onde pudessem deixar seus filhos durante o período de trabalho. A partir deste acontecimento, a creche surge no Brasil no final do século XIX com caráter assistencialista visando apenas o “cuidar”. Então, reconhece-se que a Educação Infantil surgiu com o objetivo de assistência à saúde e preservação da vida, não incluindo a abordagem educacional, sem fins educativos, mas sim para prestar assistência e cuidado.

Atualmente, a Educação Infantil – primeira etapa da Educação Básica – tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança até os seus seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social (BRASIL, 2014).

Nesta perspectiva, a Educação Infantil une o educar e cuidar, entendendo o cuidado como parte fundamental no processo educativo. Neste contexto, instituições escolares assumiram o propósito de expandir o universo de conhecimentos, experiências e habilidades dos alunos, diversificando e proporcionando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar.

A expressão “pedagogia da infância” para Rocha (1999) é a oportunidade de desenvolver uma autêntica Pedagogia na Educação Infantil, na qual o objeto de estudo são os próprios alunos, seus processos de formação em diferentes contextos. Desta forma, a pedagogia da infância é o processo que une o cuidado e a inserção social da criança pertencente à faixa etária de 0 a 6 anos, levando em consideração suas singularidades.

O educador precisa ser sensível às suas emoções, estar apto para lidar com situações que exijam paciência, compreensão e técnica, tendo capacidade para lidar com imprevistos que requerem flexibilidade e criatividade, para poder lidar com crianças na educação infantil, além disso, deve usar sempre o conhecimento e a sociabilidade ligada aos aspectos afetivos, para o bem do aluno e tranquilidade dos pais (CHALITA, 2004, p. 52).

Na Educação Infantil – primeira etapa da Educação Básica, o aluno insere-se em uma nova realidade onde por vezes depara-se com sentimento de medo,

Referencial teórico construído juntamente com Francielle Christine Caetano Alves.

insegurança, desconforto e, a afetividade no ambiente escolar, promove maior conforto e segurança para frequentar a sala de aula, causando assim, o interesse em conviver com outras pessoas. Além disso, o educador ao criar vínculos afetuosos com a criança, faz com que ela confie e revele intimidades de sua vida pessoal e familiar. Por isso o professor, além de transmitir conhecimentos, é amigo e confidente do seu aluno.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), assegura que

(...) As instituições de educação infantil devem favorecer um ambiente físico e social onde as crianças se sintam protegidas e acolhidas, e ao mesmo tempo seguras para se arriscar e vencer desafios. Quanto mais rico e desafiador for esse ambiente, mais ele lhes possibilitará a ampliação de conhecimento acerca de si mesma, dos outros e do meio em que vivem. (BRASIL, 1998, p. 15)

As crianças na Educação Infantil possuem pouco conhecimento em relação à vida social e uma vulnerabilidade pelo fato de ser o primeiro contato com outro ambiente e pessoas diferentes às quais convivem no núcleo familiar. Por isso, o professor que atua nesta etapa tem a responsabilidade de acolher a criança de maneira afetuosa e compreender o papel do cidadão, proporcionando um maior entendimento das habilidades e competências necessárias para a vida adulta, tendo em vista que a escola tem grande influência no tipo de homem e sociedade que se deseja construir.

3.8 Processo de aprendizagem

O processo de aprendizagem da criança se inicia logo nos primeiros dias de vida através de vivências e estímulos que influenciam todo o seu desenvolvimento. Ao ingressar na Educação Infantil, este processo se expande em razão das interações com outras crianças, com o novo ambiente, com as trocas de experiências, da observação e da transmissão de conhecimento pelo professor.

Face ao exposto, o professor precisa conhecer o processo de aprendizagem e os eixos estruturantes da Educação Infantil preconizados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017). Sendo este um documento regulamentar no qual define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e categorias da Educação Básica.

Referencial teórico construído juntamente com Francielle Christine Caetano Alves.

A BNCC (2017) apresenta seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento para garantir a todas às crianças condições de aprender e desenvolver-se. São eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer. Além do mais, o documento contempla os campos de experiências, no qual trazem objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para os alunos, buscando assim acolher as situações e as experiências da vida cotidiana das crianças e seus conhecimentos.

Além disso, no Brasil, ainda enfatiza-se a parte que diz respeito à expressão do aluno no âmbito escolar, sendo que,

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracterizam como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio, e isto porque, através das interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem as relações contraditórias que presenciam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios (BRASIL, 1998, p. 21).

O ensino deve acontecer de forma contextualizada e muito bem planejada, pois o convívio entre professor/aluno cria uma relação de simpatia ou antipatia com o próprio educador e com o conteúdo que ele transmite. O professor é quem oferece uma atenção e dedicação, inclusive, para abranger o conhecimento do aluno não somente no campo cognitivo, como também pelo conhecimento de mundo.

3.9 Relação afetiva e aprendizagem na educação infantil

O professor atuante na sala de aula, parceiro da família e ciente da sua importância no processo de integração do aluno ingressante na escola, divide com a família a responsabilidade pelos estímulos, pelo crescimento e desenvolvimento integral das crianças, no processo de formação de valores.

As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores (SALTINE, 2008, p.15).

Isto significa que, os educadores devem observar as crianças e manifestar limites no propósito de colaborar no seu desenvolvimento, proporcionando-lhes atividades de aprendizado, que expressam sentimento, já que, dessa maneira, o Referencial teórico construído juntamente com Francielle Christine Caetano Alves.

ambiente criado será de segurança possibilitando às crianças realizar suas próprias escolhas de maneira assertiva, tendo em vista o meio em que está inserida.

O afeto no processo educativo é importante para que a criança manipule a realidade e incentive a função simbólica. Além disso, a afetividade está inteiramente associada à autoestima e às formas de relacionamento entre aluno e aluno e professor e aluno. Um professor que não seja afetivo com seus alunos construirá uma distância, criará bloqueios com os alunos e deixará de estar criando um ambiente rico em afetividade (COSTA; SOUZA, 2006, p. 12).

As relações afetivas nas salas de aula dependem muito das atitudes do professor. Se ele se mantiver indiferente ou expressar raiva em relação aos alunos, a tendência é que essas atitudes causem reações recíprocas nos alunos, gerando um ambiente conflituoso que dificultará a aquisição do conhecimento. As emoções e os sentimentos das crianças influenciam o seu desempenho escolar. A relação que elas estabelecem com o meio tem um importante papel na aprendizagem (SOUZA, 2013, p. 20-21).

Diante disso, entende-se que é fundamental que o professor construa uma relação entre professor/aluno onde ele se ofereça de forma completa para o educando, para que assim consiga identificar cada emoção que a criança expressa no ambiente escolar. Cabe salientar que faz parte do trabalho do professor causar o vínculo de afeto entre ambos e até mesmo com os colegas em sala de aula.

Em seus estudos, Cunha (2008) salienta que, o que determina o aprender com qualidade é o afeto, e que as crianças só aprendem se desejam isso, ou seja, o professor que possui a afetividade estará indo pelo melhor caminho. Lisboa (1998) enfatiza que o educador que usa o diálogo para analisar o que está acontecendo com seu aluno que não está evoluindo, está se importando com ele, buscando ajudá-lo e demonstrando que pode contar com a sua ação educativa.

Face ao exposto das definições, é notória a relevância dos vínculos afetivos na vida do estudante na Educação Infantil, pois refere-se a um ser que está em processo de desenvolvimento. A partir do pressuposto que salienta que a educação da criança começa com a família e depois passa para a escola, podemos demonstrar e provar que a afetividade sempre aparece associada à educação, seja ela formal ou informal.

3.10 A importância do afeto no desenvolvimento com crianças de 4 a 6 anos

Uma criança necessita de acolhimento, de alguém que a ouça e, principalmente, de alguém que a ame; neste sentido, há o despertar para uma vida inteira de aprendizado. Sendo assim, o docente é o ator principal, é quem prepara e assume o desenvolvimento para a busca e o interesse das crianças.

Em um estudo realizado por Leite (2018) sobre a importância do afeto no desenvolvimento das crianças com idade entre 4 a 6 anos, o mesmo ressalta as dimensões afetivas observadas na mediação do docente durante o contato da criança com a escrita, as quais se manifestam de forma verbal e/ou não verbal. O autor comenta ainda a respeito de outros aspectos que puderam ser observados, incluindo as dimensões afetivas, que contribuem de modo significativo e determinante no processo de aprendizagem da linguagem escrita; as várias formas de interação entre o docente e as crianças, contribuindo assim para a formação da autoestima e autoconfiança. Com isso, o autor finaliza deixando explícito o quanto é conveniente que o professor planeje e organize sua ação, a qual deve assumir como sendo a de um observador, intérprete e capaz de analisar os aspectos presentes no par professor-mediador e criança.

Folquitto (2018) nos relata o quanto falar sobre a afetividade é desafiador, isso porque o ser humano age influenciado pelos sentimentos e, apesar disso, nem sempre o indivíduo tem consciência do modo como os mesmos se manifestam e nos influenciam. Na educação infantil, os primeiros conhecimentos da criança podem gerar sentimentos diversos, como a insegurança e o medo; o docente, no entanto, pode incitar coragem à mesma nesse momento para que se sinta capaz de lidar com os desafios presentes nesta etapa.

Referindo-se a este assunto, Lourenço (2018) comenta que as relações de afeto existentes entre docente e aluno se tornam de grande importância para o aprendizado do mesmo; existem casos em que o professor é tido pelo aluno como alguém que faz parte da família. Isso acontece, segundo o autor, por conta do contato diário entre o professor de educação infantil e a criança, e também por ser um dos primeiros contatos da mesma com o ambiente escolar. Por esse convívio, o educador necessita desenvolver sua percepção acerca do trabalho pedagógico com a referida

etapa da educação, com conhecimentos específicos e meios mais apropriados para a promoção dos processos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino aprendizagem ocorre de fora para dentro, o qual existem diversos fatores internos e externos que são determinantes neste mesmo processo.

O conhecimento dentro de sala de aula deve ser encarado cada vez mais como uma troca de informações, pois o processo de ensino vai muito além da transmissão de conhecimentos, não devendo este ser automático, pois também tem a função de adequar o conteúdo ensinado à realidade do aluno. Para que este processo atinja um nível de qualidade, é preciso que haja também uma atualização constante por parte do professor, uma valorização maior da profissão e uma busca por ferramentas tecnológicas que possam auxiliar no processo educativo. Uma formação escolar que seja capaz de proporcionar a reflexão e o questionamento, é responsabilidade do professor que precisa para isto assumir seu papel de educador pois, o educar é uma responsabilidade que deve ser trabalhada constantemente.

É importante destacar o papel imprescindível da família na educação das crianças, ela é a primeira fonte de ensinamento e, na maioria das vezes, elas agem pelo reflexo de seus pais. É no seio da família que se inicia a construção do indivíduo, e ela é também o apoio à percepção das possíveis dificuldades de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Sirdley de Jesus. **Psicomotricidade: educação e reeducação**. Blumenau: Odorizzi, 1998. Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/a-afetividade-no-processo-de-ensino-aprendizagem/>. Acesso em 27 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: 28 out. 2021.

_____. **Referencial curricular nacional para educação infantil (RCNEI)**. Brasília, MEC/SEF, 1998, V.3. Disponível em: https://faced.unifesspa.edu.br/images/TCC/2020/TCC_Daniella_Mendes_dos_Santos.pdf. Acesso em 29 out. 2021.

_____. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Disponível em: https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/607/1/MONOGRAFIA_DirecionamentoGradua%c3%a7%c3%a3oBrasil.pdf. Acesso em 29 out. 2021.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. **Metodologia qualitativa e método clínico qualitativo: um panorama geral de seus conceitos e fundamentos**. Um panorama geral de seus conceitos e fundamentos. 2015. Disponível em: <https://arquivo.sepq.org.br/II-SIPEQ/Anais/pdf/poster1/05.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2021.

CAVALLARI, Vânia Maria (Org.). **Recreação em ação**. São Paulo – SP: Ícone, 2006.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 17. ed. São Paulo: Gente, 2004. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644104>. Acesso em 26 out. 2021.

COSTA, Keyla Soares da; SOUZA, Keila Melo de. **O Aspecto Sócio-Afetivo no Processo Ensino-Aprendizagem na Visão de Piaget, Vygotsky e Wallon**. 2006. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo1.pdf>. Acesso em 27 out. 2021.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

FERREIRA, Felipe. **8 indicadores de qualidade para acompanhar na gestão escolar**. 2018. Disponível em: <http://www.proesc.com/blog/8-indicadores-de-qualidade-na-gestao-escolar/>. Acesso em: 19 out. 2021.

FERREIRA, Juliana de Freitas; SILVA Juliana Aguirre da ; RESCHKE, Maria Janine Dalpiaz. **A importância do lúdico no processo de aprendizagem**. Disponível em: <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/A%20IMPORTANCIA%20DO%20LUDICO%20NO%20PROCESSO.pdf> Acesso em: 10 de junho de 2020.

FOLQUITTO, Camila Tarif Ferreira. **Dimensões cognitivas, afetivas e morais na infância**. 2018.

FREIRE P. **Educação como Prática Libertadora**. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra; 1996.

Referencial teórico construído juntamente com Francielle Christine Caetano Alves.

LEITE, Sergio Antonio Da Silva; COLOMBO, Fabiana Aurora. A afetividade na mediação do professor da pré-escola. **Revista de Psicologia da Unesp**, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 18, mar. 2018. ISSN 1984-9044.

LISBOA, A. M. J. O seu filho no dia-a-dia: dicas de um pediatra experiente. Vol. 3, Brasília: **Linha Gráfica**, 1998.

LOURENÇO, Iana Maria Pereira. **Afetividade e educação infantil**: concepções e práticas docentes no Município de Campina Grande/PB. 2018. 43 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11026/1/IMPL28062018.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2019.

LOPES, Jorge. **O fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas**. Recife: Editora Universitária da Ufpe, 2006. 303 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=A321LE03ab8C&pg=PA212&dq=conceito+pesquisa+bibliogr%C3%A1fica&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjuzLjTjonpAhW6lKlGHaxoDUUsQ6AEIMDAB#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 7 out. 2021.

MARTINEZ, Marta Rabadán (Org.). **A Psicomotricidade na Educação Infantil Uma Prática Preventiva e Educativa**. /trad. Inajara Haubert Rodrigues. – Porto Alegre: Artmed, 2003.

PACIEVITCH, Thais. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. 2018. Disponível em: <https://www.infoescola.com/educacao/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao/>. Acesso em: 19 out. 2021.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/9148/5453>. Acesso em 26 out. 2021.

_____. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. Disponível em: <http://abelardoluz.ifc.edu.br/wp-content/uploads/2019/02/TC-Daniela.pdf>. Acesso em 28 out. 2021.

_____. **Para onde vai a educação**. Rio de Janeiro. José Olímpio, 2007. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1764-6>. Acesso em 26 out. 2021.

PRESTES, Nadja Mara Hermann. **Educação e racionalidade**: conexões e possibilidades de uma razão comunicativa na escola. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

ROCHA, E.A. C. **Ou isto ou aquilo: Dilemas e perspectivas metodológicas da pesquisa em educação infantil**. FE-Unicamp. (Mimeo). 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644104>. Acesso em 29 out. 2021.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. 8. ed.: Vozes, 2001. Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/a-afetividade-no-processo-de-ensino-aprendizagem/>. Acesso em 27 out. 2021.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 2008. Disponível em: <http://abelardoluz.ifc.edu.br/wp-content/uploads/2019/02/TC-Daniela.pdf>. Acesso em 27 out.

Referencial teórico construído juntamente com Francielle Christine Caetano Alves.

2021.

SOUZA, Cristiane Belarmino de. **A afetividade na visão de docentes da Educação Infantil**. 2013. 42 f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/44/afetividade-nas-relacoes-educativas-uma-abordagem-da-educacao-infantil>. Acesso em 27 out. 2021.

VENANCIO, Silvana. FREIRE, João Batista. **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas, SP: Autores Associados, apoio: Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo, 1998. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/i101319.pdf. Acesso em 26 out. 2021.

WALLON, Henri. 1979. **Psicologia da Educação e da Infância**. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/9148/5453>. Acesso em 27 out. 2021.